

---

## Das particularidades de tradución das versións ibéricas de *Merlin* e da súa *suite*<sup>1</sup>

---

Simona Ailenii

Universidade “Alexandru Ioan Cuza” de Iași (SMELPS/IF)

Data de recepción: 23/05/2019 | Data de aceptación: 27/09/2019

### Resumo:

Neste traballo propõe-se una análise comparatista entre as versións da *estória* de Merlin da Península Ibérica. Debido a algunhas particularidades textuais, as versións coñecidas até hoxe foran situadas en ramos distintos do *stemma codicum* da obra. Os instrumentos da nosa análise son os textos derivados do proceso de tradución, o galego-portugués (ms. 2434, BC) e os espanhóis (Salamanca, 1469; Burgos, 1498; Sevilha, 1535), en paralelo com os correspondentes franceses (ed. A. Micha, ed. O. Sommer, ed. G. Paris & J. Ulrich, ed. G. Roussineau). Dado o carácter fragmentario materialmente e/ou textualmente tanto nas versións francesas, como nas ibéricas, esta análise basear-se-á sómente nas narrativas comuns. Observar-se-á, assim, algunhas peculiaridades textuais resultantes do acto de tradución, no sentido de estudar as técnicas de tradución utilizadas e as circunstancias que as determinan, tendo, ao mesmo tempo, em mente os parámetros da distancia temporal que separam os testemuños e/ou os meios de transmisión (manuscrita, por un lado, e impresa, por outro).

### Palabras-chave:

*Merlin*, francés, galego-portugués, castelano, tradución, comparación.

### *On the particularities of the Iberian versions of Merlin and his suite*

#### **Abstract:**

*This paper presents a comparative analysis of the versions of the Merlins' estória from the Iberian Peninsula. Due to some textual particularities, they are divided into distinct branches of stemma codicum. The instruments of the analysis are the gacilian-portuguese version (ms. 2434, BC) and the spanish versions from Salamanca (1469), Burgos (1498) and Sevilha (1535), in parallel with the french counterparts (ed. A. Micha, ed. O. Sommer,*

---

1 Este traballo desenvolve-se no ámbito do proxecto “El ciclo artúrico de la Post-Vulgate puesto en cuestión: la naturaleza del modelo y la relación entre los derivados ibéricos reconsideradas”, Proyecto I + D de Excelencia, convocatoria 2016, núm. FFI2016-78203-P.

*ed. G. Paris-J. Ulrich, ed. G. Roussineau). Given the fragmentary character of the french and iberian versions, from the material and/or textual point of view, this analysis is based only on common narratives. Several textual particularities, considered as a result of the translation act, show the tendencies of the time or of the cultural environment in which they were produced. Also, our goal is to study the translation techniques, the circumstances in which they were chosen, considering the temporal distance parameters which divide the testimonies and/or the ways of their transmission (manuscript, on one hand, and printed, on the other hand).*

**Key words:**

*Merlin, French, Galician-Portuguese, Castilian, translation, comparative analysis.*

A obra *Merlin* conhece, desde a sua génese no domínio românico, várias interpretações linguístico-estilísticas transmitidas tanto pela tradição manuscrita, como pela tradição impressa. Começando pelas origens textuais desta matéria, ou seja, pela trilogia de Robert de Boron, sabemos que dela se preservam<sup>2</sup>, em verso, um *Joseph d'Armathie*, um *Merlin* fragmentário e ainda uma prosificação e amplificação deste e, por fim, um *Perceval* em prosa. A lendária figura de Merlin continuará a ser tratada nas primeiras duas décadas do século XIII, no solo francês, num primeiro ciclo em prosa intitulado, pela crítica literária, *Vulgata*. Sabe-se que a versão prosificada de *Merlin* de Robert de Boron<sup>3</sup> conhece duas continuações<sup>4</sup>. Uma primeira contida no ciclo *Vulgata*, em que se narra a história do mago e dos primeiros anos do reinado de Artur, e a segunda não tardará muito a aparecer, porque os homens da Idade Média, na década seguinte, 1230-1240, produzirão um segundo ciclo em prosa conhecido pela designação *Pseudo-Robert de Boron*<sup>5</sup> ou *Post-Vulgata*<sup>6</sup>. Este ciclo constituirá uma versão expandida ou condensada, de acordo com diferentes estudiosos que se debruçaram sobre o tema. Assim, a configuração desta nova constituição cíclica do romance arturiano foi objecto de estudo de duas importantes teses da área. Referimo-nos ao trabalho de 1966, intitulado *The Romance of the Grail*, de Fanni Bogdanow<sup>7</sup> e ao estudo de 1998, dedicado à *Demanda do Santo Graal* e ao *Ciclo da Vulgata*, de José Carlos Miranda<sup>8</sup>. Em ambas as organizações cíclicas, a *Estoire de Merlin* e as suas *suites* ocupam a segunda posição.

---

2 Gutiérrez García, Santiago (1997), *Merlín e a sua historia*, Vigo, Edicións Xerais, pp. 14-15.

3 Cf. Boron, Robert de (ed. 1979), *Merlin. Roman du XIII<sup>ème</sup> siècle*, Alexandre Micha (ed.), Genève, Librairie Droz.

4 Micha, Alexandre (1957), “Fragment de la Suite-Huth du *Merlin*”, *Romania*, 78, p. 37.

5 A designação *Pseudo-Robert de Boron* da segunda constituição cíclica baseia-se no facto de vários romances desta reescrita do ciclo, nomeadamente a parte da *Suite du Roman de Merlin*, atribuírem a sua autoria a Robert de Boron. Cf. Laranjinha, Ana Sofia (2012), “A matéria tristaniana do ciclo do Pseudo-Boron, da *Suite du Merlin à Demanda do Santo Graal*”, *De cavaleiros e cavalarias. Por terras de Europa e Américas*, Lênia Márcia Mongelli (org.), São Paulo, Humanitas, pp. 101, n. 1; 107-108.

6 Bogdanow, Fanni (1966), *The Romance of the Grail*, New York, Manchester University Press, Barnes/Noble, INC; Miranda, José Carlos (1998), *A Demanda do Santo Graal e o Ciclo Arturiano da Vulgata*, Porto, Granito.

7 Bogdanow, Fanni (1966), *op. cit.*

8 Miranda, José Carlos (1998), *op. cit.*

A *Suite du Roman de Merlin*<sup>9</sup>, ou seja, a segunda *suite*, retoma e continua, segundo vários estudos<sup>10</sup> sobre o tema, o *Merlin* em prosa de Robert de Boron, oferecendo-lhe um tratamento distinto da *suite* da Vulgata.

Em relação aos meios de transmissão, no domínio francês, trata-se de uma tradição manuscrita da obra, no âmbito da qual, Alexandre Micha<sup>11</sup> inventaria quarenta e seis manuscritos completos e nove fragmentos franceses em que se transmitem o *Merlin* e as *suites*, testemunhos que representam quer a versão Vulgata, quer a versão Pseudo-Robert de Boron destes. No contexto peninsular ibérico, estão presentes tanto a tradição manuscrita, como a impressa, mas numa incomparável menor representatividade material. Conservam-se, em galego-português<sup>12</sup>, um único testemunho pergamináceo, datado do século XIV, em castelhano, um outro manuscrito miscelâneo em papel, datado de 1469<sup>13</sup>, e dois testemunhos da tradição impressa da obra, datados de 1498<sup>14</sup> e 1535<sup>15</sup>. São testemunhos derivados através do acto de tradução e/ou de adaptação em contextos ideológicos distintos e, segundo vários estudiosos<sup>16</sup>, além de marcarem a difusão rápida da obra no espaço ibérico, tendo em cálculo a datação da primeira metade do século XIV do manuscrito galego-português, representam versões pertencentes ao ciclo Pseudo-Robert de Boron.

- 
- 9 Cf. Paris, Gaston & Ulrich, Jacob (eds. 1886), *Merlin, roman en prose du XIII<sup>e</sup> siècle publié avec la mise en prose du poème de Robert de Boron d'après le manuscrit appartenant à M. Alfred Huth*, Paris, Librairie de Firmin Didot et C<sup>ie</sup>; Roussineau, Gilles (ed. 1996), *La Suite du Roman de Merlin*, 2 voll., Genève, Librairie Droz.
- 10 Micha, Alexandre (1957), *op. cit.*; Roussineau, Gilles (ed. cit. 1996), pp. IX-CXXVIII; Morros, Bienvenido (1988), "Los problemas ecdóticos del *Baladro del sabio Merlin*", *Actas del I Congreso de la Asociación Hispánica de Literatura Medieval*, Vicente Beltrán (ed.), Barcelona, PPU, pp. 457-471; Laranjinha, Ana Sofia (2012), *op. cit.*
- 11 Micha, Alexandre (1957), *op. cit.*; Boron, Robert de (ed. cit. 1979), pp. XIV-LII.
- 12 Cf. PhiloBiblon, BITAGAP, manid 1604, [http://bancroft.berkeley.edu/philobiblon/search\\_po.html](http://bancroft.berkeley.edu/philobiblon/search_po.html) (2.V.2019).
- 13 García de Lucas, César (1997), *La Materia de Bretaña del Manuscrito 1877 de la Biblioteca Universitaria de Salamanca*, Dissertação de doutoramento, Alcalá, Universidad de Alcalá, pp. L-LIV; PhiloBiblon, BETA, manid 2528, [http://bancroft.berkeley.edu/philobiblon/searchwork\\_po.html](http://bancroft.berkeley.edu/philobiblon/searchwork_po.html) (2.V.2019).
- 14 PhiloBiblon, BETA, manid 1196, [http://bancroft.berkeley.edu/philobiblon/searchwork\\_po.html](http://bancroft.berkeley.edu/philobiblon/searchwork_po.html) (2.V.2019); Bishop, Tracy Van (2002), *A Parallel Edition of the Baladro del sabio Merlin: Burgos 1498 and Seville 1535*. A dissertation submitted in partial fulfillment of the requirements for the degree of Doctor of Philosophy (Spanish) at the University of Wisconsin-Madison.
- 15 PhiloBiblon, BETA, manid 4157, [http://bancroft.berkeley.edu/philobiblon/searchwork\\_po.html](http://bancroft.berkeley.edu/philobiblon/searchwork_po.html) (2.V.2019); Bishop, Tracy Van (2002), *op. cit.*
- 16 Ailenii, Simona (2019), *A tradução galego-portuguesa do romance arturiano. Os primeiros testemunhos*, Porto, Estratégias Criativas; Gutiérrez García, Santiago, (2015), "Arthurian Literature in Portugal", *The Arthur of the Iberians. The Arthurian Legends in the Spanish and Portuguese Worlds*, David Hook (ed.), Cardiff, University of Wales Press, pp. 58-82.

Considerando os meios distintos de transmissão da obra arturiana, manuscrita e impressa, conforme José Ramón Trujillo<sup>17</sup>, é imprescindível considerar este factor como determinante na forma peculiar de cada testemunho estruturar o texto. Além disso, é ainda de notar o factor que diz respeito à distância temporal que separa os testemunhos. Referimo-nos à sua recepção em domínios linguístico-culturais distintos, bem como em arcos cronológicos igualmente distintos.

Tendo isto em mente, o nosso propósito é estudar, partindo da base textual manuscrita e impressa da obra, mecanismos de tradução e/ou de adaptação da matéria narrativa, a fim de delinear elementos para uma gramática da tradução e/ou da adaptação do romance arturiano.

Para atingir os nossos objectivos, do domínio francês retemos quatro testemunhos que foram já editados. Trata-se, em primeiro lugar, da edição realizada por Alexandre Micha<sup>18</sup>, em 1979, designada *Merlin. Roman du XIII<sup>ème</sup> siècle*, baseada no manuscrito 747 da BNF, datado do século XIII; em segundo lugar, da edição realizada por Oskar Sommer<sup>19</sup>, em 1908, intitulada *Lestoire de Merlin*, contida no ms. 10292 de Londres, British Museum, datado do século XIV; em terceiro lugar, da transcrição parcial oferecida por Amadeu J. Soberanas<sup>20</sup> ao manuscrito de Cambridge, datado do século XIV; e, em quarto lugar, da edição realizada por Gaston Paris e Ulrich Jakob<sup>21</sup>, em 1886, intitulada *Merlin. Roman en prose du XIII<sup>e</sup> siècle*, tendo como base o manuscrito Huth, com uma nova cota, Add. 38117, Londres, British Museum, datado do século XIV. Entre estes manuscritos, no derradeiro, estamos perante um testemunho que, além de uma cópia das prosificações de *Joseph d'Arimathie* e de *Merlin* de Robert de Boron<sup>22</sup>, transmite a segunda continuação de *Merlin* do ciclo Pseudo-Robert de Boron. Esta segunda continuação da obra será conhecida por *Suite du Roman de Merlin*. É, sem dúvida, um texto particular pela escassa representatividade material e, implicitamente, textual na tradição manuscrita e impressa, tanto no domínio francês, como no peninsular ibérico.

---

17 Trujillo, José Ramón (2014), “Literatura artúrica en la Península Ibérica: Cuestiones traductológicas y lingüísticas”, *eHumanista*, 28, p. 504.

18 Robert de Boron (*ed. cit.* 1979).

19 Sommer, Heinrich Oskar (*ed.* 1908), *The Vulgate Version of the Arthurian Romances*, vol. II *Lestoire de Merlin*, Washington, The Carnegie Institution of Washington.

20 Soberanas, Amadeu-J. (1979), “La version galaico-portugaise de la Suite du Merlin”, *Vox Romanica*, 38, pp. 174-193.

21 Paris, Gaston & Ulrich, Jacob (*ed. cit.* 1886).

22 *Ibidem*, pp. VII-VIII.

Situando-nos ainda no âmbito linguístico francês, até ao início do século passado, esta parte era conhecida somente pela versão conservada no manuscrito Huth, acima mencionado pela cota nova Add. 38117, Londres, British Library. Em 1913, Heinrich Oskar Sommer<sup>23</sup> publica um fragmento do manuscrito francês 112 da Biblioteca Nacional de França<sup>24</sup>, datado de fins do século XV, que transmite também uma parte final da *Suite du Merlin*. Mais tarde, em 1945, Eugène Vinaver identifica, no manuscrito Add. 7071 da Universidade de Cambridge, datado do século XIV, uma versão melhor do ponto de vista da sua composição e anterior, segundo o autor<sup>25</sup>, à do manuscrito Huth da *Suite du Merlin*. Sobre um outro testemunho incompleto da *Suite du Merlin* escreve, em 1957, Alexandre Micha<sup>26</sup>. Trata-se de um manuscrito composto por dois fôlios do Arquivo Nacional de Siena que contém um breve segmento narrativo do mesmo romance. O estudioso francês edita o texto em 1957 e data-o, pela escrita documentada no manuscrito, dos finais do século XIII<sup>27</sup>. Como se pode notar, além de representada em escassíssimos testemunhos materiais, a *Suite du Merlin* não se transmite integralmente em nenhum destes testemunhos conservados. Um outro fragmento da *Suite du Merlin* foi identificado na Biblioteca Comunale de Imola por Monica Longobardi<sup>28</sup>, em 1987, e um outro ainda, em Bologna<sup>29</sup>.

Em relação à parte textual ibérica, serão considerados o fragmento de Salamanca<sup>30</sup> e os dois impressos designados *Baladro del sabio Merlin*, da responsabilidade

- 23 Sommer, Heinrich Oskar (1913), “Die Abenteuer Gawains, Ywains und Le Morholts mit den drei Jungfrauen aus der Trilogie (Demanda) des Pseudo-Robert de Boron die Fortsetzung des Huth-Merlin nach der allein bekannten HS. Nr. 112 der Pariser National Bibliothek Herausgegeben”, *Beihefte zur Zeitschrift für romanische Philologie*, 47, pp. 1-134. Disponível em <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k24848j/f2.image.r=H+O+Sommer.langPT> (2.V.2019).
- 24 A descrição exaustiva deste testemunho francês, realizada por Cedric Edward Pickford em 1960, é imprescindível para a compreensão do fenómeno da recepção desta matéria literária na época. “Ce manuscrit, le 112 du fonds français de la Bibliothèque Nationale à Paris, pourrait être décrit comme une somme de romans arthuriens en prose. Presque tous les principaux romans y sont représentés, soit par des fragments plus au moins longs, soit par des analyses”. Cf. Pickford, Cedric Edward (1960), *L'évolution du roman arthurien en prose vers la fin du Moyen Âge d'après le manuscrit 112 du fond français de la Bibliothèque Nationale*, Paris, A. G. Nizet, p. 10.
- 25 Vinaver, Eugène (1949), “La genèse de la *Suite du Merlin*”, *Mélanges de Philologie romane et de Littérature médiévale offerts à Ernest Hoepffner*, Paris, Belles Lettres, p. 299.
- 26 Micha, Alexandre (1957), *op. cit.*
- 27 *Ibidem*, p. 37.
- 28 Longobardi, Monica (1987), “Frammenti di codici in antico francese della Biblioteca Comunale di Imola”, *Cultura Neolatina*, 47, pp. 223-255.
- 29 Longobardi, Monica (1992), “Nuovi frammenti della Post-Vulgata: la *Suite du Merlin*, la Continuazione della *Suite du Merlin*, la *Queste e la Mort Artu* (con l'intrusione del *Guiron*)”, *Studi Mediolatini e Volgari*, XXXVIII, pp. 118-155.
- 30 Ms. 1877, BUS.

editorial de Bonilla y San Martín<sup>31</sup> e de Tracy Van Bishop<sup>32</sup>. Enquanto para o texto galego-português, intitulado *Livro de Merlin*, serão utilizados tanto o manuscrito 2434 da Biblioteca da Catalunha, como a transcrição paleográfica do mesmo, realizada por um colectivo de investigação da Galiza dirigido por Pilar Lorenzo Gradín e José A. Souto Cabo<sup>33</sup>.

Por que razão o olhar tão atento também na parte da *Suite du Merlin*? Nos testemunhos mencionados, dos inventários francêses e ibérico que contêm a obra, lê-se parcialmente a história da continuação do *Merlin*.

Ora, embora constituído por um meio fólío e um bifólío<sup>34</sup>, o caso galego-português individualiza-se do ponto de vista da sua textualidade, por conter duas narrativas que em nenhum outro testemunho, quer do domínio ibérico, quer do francêses, se registam juntas<sup>35</sup>. Referimo-nos a duas passagens narrativas em que se relata a história de amor do príncipe Anasten contada por Merlin à Donzela do Lago e parcialmente a história das doze donzelas *adeviadores*. Estas narrativas são representadas, nos testemunhos das tradições manuscrita e impressa, francesa, galego-portuguesa e castelhana, que contemplam a matéria da *Suite du Merlin*, da forma seguinte:

Testemunhos	Narrativas	
	A história de amor do príncipe Anasten contada por Merlin à Donzela do Lago	Parte do episódio da <i>Roche aux Pucelles</i> , as doze donzelas <i>adeviadores</i>
Ms. 2434, BC (século XIV) <sup>36</sup>	sim	sim
Ms. Huth (Add. 38117, Londres, British Library, século XIV) <sup>37</sup>	sim	–
Ms. de Cambridge (Add. 7071, Cambridge University, século XIV) <sup>38</sup>	sim	–

31 Bonilla y San Martín, Adolfo (ed. 1907), *El baladro del Sabio Merlin, primera parte de la Demanda del Sancto Grial, Libros de caballerías. Primera parte: Ciclo artúrico*, Madrid, Nueva Biblioteca de Autores Españoles 6 (réédition de l'édition de Séville, 1535).

32 Bishop, Van Tracy (2002), *op. cit.*

33 Lorenzo Gradín, P. & Souto Cabo, J. A. et alii (eds. 2001), *Livro de Tristan e Livro de Merlin. Estudio, edición, notas e glosario*, Santiago de Compostela, Centro de Ramón Piñero para a Investigacións en Humanidades, Xunta de Galicia.

34 Ailenii, Simona (2019), *op. cit.*

35 Soberanas, Amadeu-J. (1979), *op. cit.*, pp. 177-178.

36 Ms. 2434, Biblioteca da Catalunha; Lorenzo Gradín, P. & Souto Cabo, J. A. et alii (ed. cit. 2001).

37 Paris, Gaston & Ulrich, Jakob (ed. cit. 1886); Roussineau, Gilles (ed. cit. 1996).

38 Soberanas, Amadeu-J. (1979), *op. cit.*, pp. 174-193.

Testemuños	Narrativas	
Impressos (1498, Burgos; 1535, Sevilha) <sup>39</sup>	sim	–
Ms. fr. 112, BNF (1470) <sup>40</sup>	–	sim
Ms. 1877, BUS (1469) <sup>41</sup>	–	–
Fragmento de Siena (finais do século XIII) <sup>42</sup>	–	–
Fragmentos de Imola (ms. 135, Imola, Biblioteca Comunale, AA25 n° 9 (7)) e de Bologna <sup>43</sup>	–	–

Em 1960, Fanni Bogdanow<sup>44</sup> considera a *Suite du Merlin*, baseando-se nos testemuños que a contemplan, uma obra que conhece três fases redaccionais. O fragmento de Siena<sup>45</sup> situa-se mais perto do arquétipo perdido da obra, ao passo que o texto contido no manuscrito de Cambridge representa a segunda fase e os do manuscrito Huth e das duas edições do *Baladro*, uma terceira fase. O afastamento entre a segunda e a terceira fase é conferido pela supressão, segundo a autora, de longos episódios bélicos que fazem parte da redacção segunda<sup>46</sup>.

Os problemas ecdóticos do *Baladro del sabio Merlin* já foram objecto de estudo num trabalho de Bienvenido Morros de 1988<sup>47</sup>, em que o autor, partindo de um cotejo entre o texto comum aos impressos espanhóis e ao fragmento de Salamanca, conclui que são três versões de um único modelo.

Deste modo, tendo em conta a escassez da materialidade e, implicitamente, da descontinuidade textual representada nos testemuños conhecidos, apresentamos, em primeiro lugar, alguns casos extraídos da parte inicial de *Merlin* contemplada em somente três dos testemuños ibéricos referidos, a saber, os impressos

39 Bonilla y San Martín, Adolfo (ed. cit. 1907); Bishop, Tracy Van (2002), *op. cit.*

40 Roussineau, Gilles (ed. cit. 1996).

41 Ms. 1877, BUS, ff. 282<sup>v</sup>-296<sup>r</sup>; Pietsch, Karl (ed. cit. 1924-1925); García de Lucas, César (1997), *op. cit.*

42 Micha, Alexandre (1957), *op. cit.*

43 Longobardi, Monica (1987), *op. cit.*; Longobardi, Monica (1992), *op. cit.*

44 Bogdanow, Fanni (1960), “Essai de classement des manuscrits de la *Suite du Merlin*”, *Romania*, 81, pp. 188-198.

45 Micha, Alexandre (1957), *op. cit.*

46 Bogdanow, Fanni (1960), *op. cit.*, p. 189; Bogdanow, Fanni (1962), “The Spanish *Baladro* and the *Conte du Brai*”, *Romania*, pp. 383-399.

47 Morros, Bienvenido (1988), *op. cit.*



do *Baladro* e o manuscrito de Salamanca, e nos correspondentes franceses já mencionados. Referimo-nos à parte inicial do romance em que se relata o plano dos diabos, reunidos num congresso, de dar origem no mundo a um paralelo humano com poderes sobrenaturais, Merlin, bem como o nascimento do mago e o desenlace feliz do julgamento da mãe. Em segundo lugar, um outro elenco de casos serão seleccionados da parte da *Suite du Merlin* contida nos *Baladros* e no manuscrito galego-português, em paralelo com os correspondentes franceses<sup>48</sup>. Trata-se da passagem comum em que se narra a história do príncipe Anasten contada por Merlin à Donzela do Lago.

A análise da tradição manuscrita e impressa do romance arturiano revelou, conforme se referiu acima, várias fases redaccionais das obras contempladas. Estudando, num trabalho anterior<sup>49</sup>, os textos arturianos galego-portugueses resultados do acto de tradução, foi possível notar técnicas distintas de tradução e/ou adaptação. O confronto da base material do domínio galego-português com a correspondente francesa conduziu à compreensão das especificidades decorrentes do acto de tradução nos primeiros, ou seja, o texto de chegada se revelou inovador face ao de partida ou, pelo contrário, se pautou por uma atitude de fidelidade. O confronto dos textos peninsulares, como a *Estória do Santo Graal* conservada num fragmento pergamináceo dos finais do século XIII – início do século XIV<sup>50</sup> e numa cópia manuscrita integral do século XVI<sup>51</sup>, o *Livro de Merlin* e o *Livro de Tristan*, igualmente preservados em manuscritos fragmentários datados do século XIV<sup>52</sup>, com os correspondentes franceses, permitiu-nos detectar técnicas idênticas de tradução em todos. Assim, através dos mecanismos de ausência por redução e de reformulação sintética, ter-se-á procurado a contracção lexical de que decorre uma expressão económica, precisa, e, através do mecanismo de amplificação, ter-se-á tentado facilitar a compreensão do conteúdo original, nos casos em que este parece

---

48 Soberanas, Amadeu-J. (1979), *op. cit.*; Roussineau, Gilles (ed. cit. 1996).

49 Ailenii, Simona (2019), *op. cit.*, pp. 218-364.

50 Dias, Aida Fernanda (2003-2006), “A matéria da Bretanha em Portugal: relevância de um fragmento pergamináceo”, *Revista Portuguesa de Filologia. Miscelânea de estudos in memoriam José G. Herculano de Carvalho*, XXV, I, Clarinda Azevedo Maia & Ana Cristina Macário Lopes & Graça Maria Rio-Torto (coords.), Coimbra, Instituto de Língua e Literatura Portuguesas, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, pp. 145-221; Ailenii, Simona (2019), *op. cit.*, pp. 19-89; 377-419.

51 Cf. Castro, Ivo (1984), *Livro de José de Arimateia: estudo e edição do cod. ANTT 643*, Dissertação de doutoramento, Lisboa, Universidade de Lisboa; Miranda, José Carlos *et alii* (eds. 2016), *Estória do Santo Graal. Livro Português de José de Arimateia*, Porto, Estratégias Criativas.

52 Ailenii, Simona (2019), *op. cit.*; Pichel, Ricardo & Varela Barreiro, Xavier (2017), “O fragmento galego-português do Livro de *Tristam*. Nova proposta cronológica e diatópica”, *Madrygal. Revista de Estudios Gallegos*, 20, pp. 159-214.

carecer de clareza<sup>53</sup>. Mostrou-se que a *Estória do Santo Graal* e o *Livro de Merlin*, nas porções de texto conservadas, se mantêm, de um modo geral, mais fiéis, no plano da forma, face aos textos franceses consultados do que o *Livro de Tristan*. Conforme se constatou, neste último, não só se operou uma redução sistemática de elementos relacionados com as cenas bélicas, como também não se mencionaram os escudeiros de Lancelot<sup>54</sup>. No seu todo, o texto tristaniano revelou-se mais redutor do que a *Estória do Santo Graal* e o *Livro de Merlin*, notando-se ausências de segmentos mais compósitos, o que nos levou a crer que estas modificações podem ter sido feitas em território peninsular no acto de tradução.

Com base na porção inicial comum aos testemunhos castelhanos, do paralelismo entre estes e os correspondentes franceses, é possível distinguir duas situações. Uma diz respeito à versão contida no manuscrito de Salamanca em que o texto lido parece resultar da abordagem mais literal na reprodução da sua fonte, tanto no plano da forma, como no plano do conteúdo. Uma segunda situação visa os impressos em que, além das técnicas de ausência por redução, no plano da forma, e de amplificação ou reformulação, no plano do conteúdo, é possível sublinhar a tendência para uma tradução mais literária, muito próxima do mecanismo de interpretação textual. Assim, nestas duas versões, parece que estamos perante a alternância entre uma tradução literária e uma tradução literal. Importante seria observar se há segmentos narrativos específicos em que se opera uma ou outra técnica de traduzir.

O que nos faz crer que nos testemunhos galego-portugueses e no castelhano manuscrito, além da liberdade de o tradutor/redactor reduzir alguns segmentos temáticos (cenas bélicas) ou elementos relacionados ao tema (os escudeiros), como acima se referiu, a literalidade do texto resultado face à sua fonte, representada hoje por cópias francesas, é igualmente sustentável. Enquanto nos impressos castelhanos, na porção do texto estudado em confronto com o testemunhado no manuscrito de Salamanca e as francesas nas edições citadas, se nota uma liberdade maior na forma de reproduzir o texto fonte. Podemos dizer que o conteúdo não é omissivo, mas, no plano da forma, as versões, em várias ocasiões, oferecem uma distinta dimensão estilística ao texto. É igualmente válido que haja porções de texto em que as versões castelhanas impressas se aproximam, no plano da forma, da manuscrita de Salamanca e da dos correspondentes franceses, vindo ao encontro das teses em que se sustenta o carácter literal ou a proximidade entre as versões impressas e a do testemunho Huth<sup>55</sup>.

---

53 Ailenii, Simona (2019), *op. cit.*, pp. 367-369.

54 *Ibidem*, pp. 300-301.

55 Bogdanow, Fanni (1960), *op. cit.*

No plano dos factos, propomos observar, por um lado, o carácter literal ou literário das traduções face aos equivalentes franceses e, por outro, o carácter privativo dos derivados ibéricos relevado pelas lições portadoras de marcas de ausência e de amplificação.

(i)

Salamanca <sup>56</sup> (ff. 282v-283r)	Sevilha <sup>57</sup> (Cap. I)	Burgos <sup>58</sup>	M <sup>59</sup> (p. 20)	So <sup>60</sup> (p. 3)	Huth <sup>61</sup> (p. 2)
(a) los agora perdemos <b>por esto</b> , que non avemos sobre ellos <i>ningund</i> poder.	(a) e agora los perderemos <b>por esto</b> , e no auremos ningún poder sobre ellos;		(a) Or les avons perduz <b>par cel lavement</b> que nos n'avons nul pooir sor els	(a) que nous les auons perdus et que nous nauons nul pooir sour aus	(a) Ore les avons tous perdus <b>par le lavement</b> que il font, si que nous n'avons nul pooir sour iaus
(c) E más nos y fizo, que dexó en la tierra sus <i>servientes</i> que los salvan	(b) e si ellos no quisiesen, que no se saluen por sus obras y <b>se nos metan en poder</b> ; assi nos <b>ha quebrantado</b> e abaxado nuestro poder; (c) e mas fizo: dexo en la tierra a sus seruidores que los saluaran;		(b) devant que il meismes revienngent a nos par lor euvres. Einsi nos a abaissié nostre pooir et tolu;	(b) auant ce quil reuiennent a nous par lor oeures. Ensi abaisse nostre poors quil le nous a tolu.	(b) dessi que il revignent [a nous] par oeuvres que il font. « Ensi abaisse nostre poors par chelui qui che nous a tolu.
(d) <b>por confesión</b>			(c) et plus encor, que il a dit et comendé et laissié ministres en terre qui les sauveront	(c) et plus encore il a laisiet ministres en terre qui les sauveront	(c) Et plus encore, que il [aj] laissié ministres en terre qui les sauveront

56 O texto de referencia é do ms. 1877, BUS, que doravante será referido por Salamanca.

57 Será utilizado o texto da edición de Bonilla y San Martín, Adolfo (*ed. cit.* 1907) e da transcrição de Bishop, Van Tracy (2002), *op. cit.*, doravante referido por Sevilha. Em relación à transcrição ofrecida por Tracy Van Bishop, operaram-se algumas alteraçoes que dizem respeito à separaçoe de palabras e à transcrição da conjunçoe por “e”.

58 Será utilizado o texto da transcrição de Bishop, Van Tracy (2002), *op. cit.*, doravante referido por Burgos.

59 Será utilizada a edición da responsabilidade de Micha, Alexandre (*ed. cit.*, 1979), doravante referida pela sigla M.

60 Será utilizada a edición da responsabilidade de Sommer, Heinrich Oskar (*ed. cit.* 1908), doravante referida pela sigla So.

61 Será utilizada a edición da responsabilidade de Paris, Gaston & Ulrich, Jakob (*ed. cit.* 1886), doravante referida por Huth.

Como se pode ver na tabela acima, os trechos seleccionados sublinhan dois aspectos. Em primeiro lugar, assinala-se o afastamento da versión lida no manuscrito de Salamanca face aos outros pola ausencia do segmento (b), em que os diabos se mostran muito preocupados com a perda do poder sobre o ser humano, dada a purificación dos pecados através do acto do baptismo instituído por Jesus Cristo. Em segundo lugar, observa-se a literalidade dos testemuños ibéricos nos segmentos comuns (a, c), além do sintetismo anafórico<sup>62</sup> do elemento “por esto” interpretando o sintagma nominal “par le lavement” (a), equivalentes a todos os grupos verbais e nominais (a): “Or les avons perduz par cel lavement” (M), correspondendo a “los agora perdemos” (Salamanca), com a variante de Sevilha “e agora los perderemos”; ou “nous n’avons nul pooir sour iaus” (Huth), equivalente a “non avemos sobre ellos ningund poder” de Salamanca, com a variante de Sevilha “no auremos ningún poder sobre ellos”. É, todavia, notável a tendéncia para a tradução mais livre ou mais explícita na versão impressa de Sevilha, em que as unidades “y se nos metan en poder” ou “nos ha quebrantado” (b) não encontram paralelo directo nos franceses. O segmento (d) mostra também o carácter singular, neste caso, da versão lida no manuscrito de Salamanca, pela lição explícita “por confesión”, decorrida, o mais provavelmente, através do acto de tradução, dado que ulteriormente todas as versões castelhanas continuam a referir o acto de confissão: “e tantas non farán de *nuestras* obras *que* si ellos se confesaren ende e se *quesieren quitar* e *arrepentir*”<sup>63</sup>, com a variante de Sevilha “ya tantas no faran de las *nuestras* obras, si se confesasen, e se quisiesen ende quitar”<sup>64</sup>.

(ii)

Salamanca (f. 287v)	Sevilha (Cap. XI)	Burgos (Cap. II)	M (p. 39)	So (p. 9)	Huth (p. 13)
(a)e santiguose			(a)si se seingna	(a)si se segna	(a)Et quant elle ot fait(e) le signe de la crois
(b)e dixo: <u>-Sancta Maria</u> , ¿qué es esto <i>que</i> así me avino? Ca non soy tal como <i>quando</i> me aquí eché.	(b)e dixo: <u>-Sancta Maria!</u> ¿e que es esto que agora assi me catiuo? Ca no soy agora tal como <i>quando</i> aquí me acoste.	(b)e dixo: <u>-¡Sancta Maria!</u> ¿Que es esto que me asi agora avino? Ca no soy tal como <i>quando</i> aquí me acoste.	(b)et dist : « <u>Sainte Marie</u> , que est ce qui m’est avenu ? Je suis empirice de tel com j’estoie quant je me couchai.	(b)et dist. <u>sainte marie dame</u> que est ce que mest auenu. ie sui empirie de ce que iestoie quant ie me couchai.	(b)si dist : « <u>Dame sainte Marie</u> , que m’est il avenu? Je sui empirie de tele comme je soloie estre quant je couchai en che lit.

62 Cita-se o (con)texto anterior ao ilustrado na tabela (i): “E *quando* los lavan a sus *servientes* dizen así: <En el nonbre del Padre e del Fijo y del Spiritu Sancto. Amén>. E por esta razón nos los tuelle. E del peccado de Adán e de Eva *que* los devíamos de aver”. Cf. Ms. 1877, BUS, f. 282”.

63 Ms. 1877, BUS, f. 283”.

64 Bonilla y San Martín, Adolfo (ed. cit. 1907), cap. I.

Salamanca (f. 287v)	Sevilha (Cap. XI)	Burgos (Cap. II)	M (p. 39)	So (p. 9)	Huth (p. 13)
(c)Señora gloriosa, <u>fija e madre de Jhesu Cristo</u> , rogat al vuestro bendicho padre que me guarde el alma e el cuerpo de peligro e de poder del enemigo.				(c)bele glorieuse <u>mere dieu</u> deproiois vostre cier fil que il gart lame de moi et le cors desfende de tourment et del pooir al anemi.	(c)Biele glorieuse mere Jesucrist, garde l'ame de moi de peril. Et gardés le cors et defendés del torment a l'anemi. »
(d)E entonce se levantó e buscó aquel <i>que</i> con ella yoguera e non le pudo fallar. E fue a la puerta e fallola cerrada	(d)Y estonce leuantose e busco aquel que con ella dormiera, e no fallo nada. E fue a la puerta e hallola cerrada.	(d)Entonces levantose e busco aquel <i>que</i> con ella yoguera e no fallo nada e fue a la puerta e fallola cerrada.	(d)Lors se lieve et quiert celui qui ce li a fait, qu'ele le cuidoit trover. Et quant ele vit qu'ele ne le pot trover, si cort a son huis, si le treuve fermé,	(d)Lors se lieue et quiert celui qui ce li ot fait que le cuidoit trouver. si court al huis de la chambre si le troeue fremé.	(d)Lors se leva de son lit, et commença a querre chelui qui che li avoit fait, car elle le cuidoit trouver. Puis quert a l'uis de sa chambre, si le trueve fremé.
(e)como la dexara.			(e)si come le meismes l'avoit fermé.		(f)Et quant elle le trueve bien fremé,
(g)E después cató toda la casa e non falló ninguna cosa;			(f)Et quant ele vit que li huis de la chambre fu bien fermez,	(g)si a cherchie toute sa chambre mais ele ni troua nului.	(g)si rechief la chambre. Mais elle ne troua riens.
(h)entonce sopo cómo era el peccado e ovo ende grand pesar.	(h)Y estonce entendio que fuera el diablo aquel que con ella dormiera e vuo gran pesar	(h)Creyo que fuese el diablo e ouo gran pesar	(h)Lors set ele bien que ele est engingniee d'anemi.	(h)lors sot ele bien que ele estoit engignie danemi.	(h)Et quant elle vi chou, si se trouva toute engingniee de l'anemi.

Salamanca (f. 287v)	Sevilha (Cap. XI)	Burgos (Cap. II)	M (p. 39)	So (p. 9)	Huth (p. 13)
(i)E llamó al <i>Nuestro Señor</i>	(i)y encomendose a Dios.	(i)e acomendose a Dios.	(i)Lors s'adolousa et reclama molt doucement Nostre Seingnor	(i)si se dolousa et reclama moult doucement nostre signor	(i)Lors se commencha a dementer et a reclamer nostre signeur,
(j)e rogo-l que la non dexase prender escarnio en este mundo.			(j)et dist qu'il ne la souffrist a honir en cest siecle.	(j)et li prie quil ne seuffre ce que on le hounie en cest siecle.	(j)et dist : «Biaus sire Dieu, par vostre pitié, sire, se il vous vient a plaisir, ne me laissiés honnir en cest siecle

O carácter fiel da versión de Salamanca face às francesas constata-se pelos registos assinalados no trecho acima destacado (ii), ao passo que a tendência para abreviação e quase interpretação livre do conteúdo original se pode notar nas versões impressas pela ausência dos segmentos (a), (c), (g), (j) ao longo da passagem em que se surpreende o desespero da filha do homem rico que não tardará muito a ter a grande missão de ser a mãe de Merlin. Estas abreviações podem ser marcas de um arquétipo comum, que deu origem a derivados sucessíveis com características distintas, ou há também a hipótese de resultarem do acto de tradução e/ou adaptação. Os registos que somente Salamanca retém, de acordo com os franceses, referem aspectos que enfatizam a ideologia cristã, como o sinal da cruz (a), a oração dirigida à Virgem (c), o rogo explícito da jovem face a “*Nuestro Señor*” (j), aspectos que concordam com o tema que une os textos seleccionados no manuscrito miscelâneo de Salamanca (*Libro de la Vida de San Macario, Libro de la Vida de los Santos Padres, Libro de frey Juan de Rocacisa* etc.)<sup>65</sup>. Ora, a ênfase destes aspectos, por não estarem contemplados nas versões castelhanas de Burgos e Sevilha, não deve ter tido o mesmo eco na fase impressa da tradução do texto sobre o nascimento de Merlin.

65 García de Lucas, César (1997), *op. cit.*, pp. VI-IX.

(iii)

Sevilha (Cap. CCCXXV)	Burgos (Cap. XXXVIII)	LM (p. 151/ll. 3-5)	Cambridge (pp. 179-180)	Huth <sup>66</sup> (§ 380/ll. 23-25)
e amaua tanto aque! hijo del rey, que <b>quiso casar con ella e tomola por muger.</b>	e amavala tanto aque! fijo del rey, que <b>quiso casar con ella e tomarla por muger.</b>	E amaua hũa filha duum pobre caualeyro de tan <i>grande</i> amor que nezhuu<...> home <i>nonpoderya</i> <...> <i>mayor amor a molher</i>	e amoit la fille d'un povr [sic] chevalier de si grant amour que morteuz home <b>ne porroit tant femme amer</b>	Il amoit la fille d'un povre chevalier de si grant amour que morteus hom <b>ne pooit plus feme amer</b>

(iv)

Sevilha (Cap. CCCXXV)	Burgos (Cap. XXXVIII)	LM <sup>67</sup> (p. 151/ll. 9-12)	Cambridge <sup>68</sup> (pp. 179-180)	Huth <sup>69</sup> (§ 381/ll. 6-9)
Cierto, si te no partes desta locu- ra, yo te hare tal escarnio	Cierto, si te partes desta locura, yo te faré tal escarnio,	Se te <i>non</i> quitas dessa conpanha. <b>eu</b> <b>(a)mataray ty</b>  ou  eela. <b>(b)Matarme</b> podeses dissel. mays eu <i>non</i> quitarey ende. ante a. amarey <i>senpre</i> <i>mentre</i> eu uyuer. Sy disse el Rey. ora saby <i>que</i> <b>eu ty</b> <b>(c)partyrey dela.</b> <b>ca a</b> <b>(d)mataray ante</b> <b>ty.</b>	-Si tu ne lessasse sa compaignie, <b>jeo te</b> <b>(a)destruierai</b> od lui. -Pur tant, fait il, // me poez <b>(b)destruire</b> , car jeo ne lerrai ja, ainz l'amerot tote ma vie. -Voire, dist li rois, ore sachiez que <b>jeo te</b> <b>(c)destruierai et li</b> <b>devant toi.</b>	“Se tu ne laisse briement sa com- paignie, <b>je te</b> <b>(a)destruirai.</b> ” Et il dist: “Je nel lairai ja, ains l'amerai toute ma vie. -Voire? che dist li rois. Or saches que <b>je</b> <b>t'en</b> <b>(c)destruirai et li</b> <b>devant toi.</b> ”
que nunca seas de ver al mundo, <b>ca ella no es para ser tu muger qual tu deues auer, e no ha cosa en el mundo por que querria que lo fiziesses, ca a mi me seria muy gran deson- ra y mengua;</b>	que nunca seas de ver <b>ca ella no es para ser tu muger, qual tú debes aver, e no ay cosa en el mundo por qué yo quisiese que lo fiziesses, ca me seria a mi grand vergüença, e a tí mengua.</b>			
e porque se que en ello pensaste, <b>la fare matar</b> ”.	E porque sólo en ello pensaste, <b>la faré matar.</b>			

66 Para esta porção de texto, será utilizada a edição de Rousineau, Gilles (*ed. cit.* 1996).

67 Será utilizada a edição da responsabilidade de Lorenzo Gradín, P. & Souto Cabo, J. A. *et alii* (*ed. cit.* 2001), doravante referida pela sigla LM.

68 Será utilizado o texto transcrito por Soberanas, Amadeu-J. (1979), *op. cit.*, doravante referido por Cambridge.

69 Para este trecho, será utilizado o texto da edição de Rousineau, Gilles (*ed. cit.* 1996).

(v)

Sevilha (Cap. CCCXXV)	Burgos (Cap. XXXVIII)	LM (p. 151/ll. 14-16)	Cambridge (pp. 179-180)	Hut <sup>70</sup> (§ 381/ll. 9-13)
Y el hijo fue tan <b>espantado</b> , que no supo dar consejo; por tan <b>gran saña</b> que auia con su padre, penso mas de guardar la donzella, que cuydo por esto que la perderia;	El fijo fué dello tan <b>espantado</b> , que no supo darse consejo, e por la <b>gran saña</b> que veía en su padre, pensó de guardar más la donzella, que creyó que la perdería,	<i>Como anasten con paor de aSen seu padre fez a camar na pena</i> Qvando <b>Anasten isto</b> ouuyu. ffez asconder a donzela. Que a non podesse achar seu padre.	Quant <b>li chevaliers oi ceste novele</b> , si fist la damoisele desturner e respondre que ses peres ne le trovast.	Quant <b>li chevaliers entent ceste novele</b> , il fist la damoisele destorner et reponre, que ses peres ne la trovast.
y penso de se esconder con ella	e pensó de esconderse con ella.	E pensou <i>que</i> buscarya Alguu lugar estranho e longe de toda gente u <i>ne</i> nguum non morasse.	E pensoit qu'il queroit un lieu estrange e long de tut gent ou nul repairoit	Et pensa qu'il querroit un lieu estrange et loing de toute gent, ou nus ne repairoit

No primeiro conxunto de casos (i, ii), estamos na parte inicial da *estória* sobre Merlin, atestada, na Península Ibérica, polos tres testemuños castelhanos em cotejo. No segundo conxunto de casos (iii-v), situamo-nos na *Suite du Merlin*, testemnhada, no solo ibérico, no fragmento galego-português e nas versións impresas castelhanas. Se na primeira serie de casos (i, ii), extraídos da parte inicial da *estória*, foi possível un paralelismo entre os testemuños em cotejo, no conxunto seguinte (iii-v), seleccionado da parte que continua e desenvolve a *estória* de Merlin, teremos oportunidade de constatar o carácter máis literário da tradución castelhana, oposto ao literal da galego-portuguesa. Entre os testemuños franceses em cotejo é possível manter o texto do manuscrito Huth e o do manuscrito de Cambridge, porque são os únicos manuscritos do espazo francés que contêm a respectiva passagem, como já referimos. Em relación ao manuscrito Huth, segundo a crítica textual<sup>71</sup>, a tradución castelhana mostra máis proximidade. Á luz desta proximidade será observado o fenómeno de tradución na respectiva parte textual. Nos trechos seleccionados (iii-v), constata-se facilmente a literariedade, no plano da forma, destas versións face ao arquétipo atestado pelas edicións francesas aquí colacionadas, enquanto a tradución galego-portuguesa se revela

70 *Ibidem*.

71 Bogdanow, Fanni (1960), *op. cit.*; Morros, Bienvenidos (1988), *op. cit.*



um modelo de literalidade. Esta observação leva-nos a ponderar a hipótese de, nas versões impressas, o tratamento estilístico divergente ter sido incumbência do seu redactor, sendo a (re)escrita, na tradição impressa, igualmente um acto de (re)criação singular determinado pelos factores culturais e ideológicos da época<sup>72</sup>.

Quanto ao exemplo (iii), o texto de chegada lido na versão galego-portuguesa mostra uma tendência para a expressão em grupo nominal face ao verbal do texto de partida. O segmento “non poderya <...> mayor amor a molher” marca a utilização do nome “amor” em galego-português, correspondente do verbo “amer” nos testemunhos Huth/Cambridge (“ne pooit plus feme amer”/“ne porroit tant femme amer”). Neste caso, tratar-se-ia de uma mera preferência no texto de chegada pela expressão nominal. Nas versões castelhanas, os dois grupos verbais das orações “quiso casar con ella” e “tomola por muger” são portadores de marcas estilísticas explícitas da acção que se enfatiza pelo procedimento de redundância verbal (“casar” e “tomola por muger”). Estes exemplos podem ilustrar o princípio de equivalência dinâmica do acto de tradução que se centra amplamente no conteúdo do texto de partida.

Na quarta selecção, a menção sublinhada em primeiro lugar diz respeito às formas verbais “matar” – (a), (b) – e “partir” – (c) – que aparecem, no *Livro de Merlin*, como equivalentes de “destruire” dos testemunhos Huth – (a) – e Cambridge – (a), (b), (c) –, em todas as três ocorrências deste último<sup>73</sup>. Assim, o segmento verbal “eu matarey ty” (a) corresponde semanticamente à estrutura verbal “je te destruirai” de Huth/“jeo te destruerai” de Cambridge. O segundo, “Matarme podedes” (b), é equivalente a “me poez destruire”, registado apenas no testemunho Cambridge, sendo o texto Huth omissivo nesta ocorrência. De facto, no caso (b), este último testemunho regista uma sintaxe distinta dos outros dois, como se salienta na tabela (iv, a), pela omissão da correspondência da disjunção encontrada no *Livro de Merlin*, “|ou| çela”, equivalente à lição “od<sup>74</sup> lui” de Cambridge. Por outro lado, percorrendo individualmente o texto oferecido pelas três versões, lemos uma história coerente em cada um. Ou seja, no *Livro e Merlin*, o rei ameaça separar o príncipe da amiga pela morte de um deles, “eu matarey ty |ou| çela”, e, no fim da passagem, descobrimos o plano concreto do rei quanto à tão desejada separação entre os dois amantes pela morte da amiga, “ca a matarey ante ty”. Em Cambridge, lemos uma história parecida à do *Livro* galego-português, com uma diferença sintáctica no que respeita à relação entre os pronomes (te/ty, ela/lui) e, outra semântica, decorrida da anterior relação

72 Gutiérrez García, Santiago (2015), *op. cit.*, p. 84.

73 Este trecho foi objecto de estudo comparativo somente entre a versão do testemunho galego-português e as dos dois franceses aqui contemplados em Ailenii, Simona (2019), *op. cit.*, pp. 251 *sqq.*

74 *Dictionnaire Godefroy* regista o significado “avec” da preposição “od” (< lat. apud). Disponível em [http://www.lexilogos.com/francais\\_dictionnaire\\_ancien.htm](http://www.lexilogos.com/francais_dictionnaire_ancien.htm) (30.I.2019).

sintáctica que, logicamente, determina outro plano semântico. Ora, os pronomes pessoais com función sintáctica diferente, um de complemento de objecto directo, “te”, e outro de complemento de compañía, “od lui”, encontram-se em Cambridge, (“jeo te destruírai od lui”), enquanto no *Livro* ibérico, os dois pronomes têm um uso sintáctico de complementos directos em relação de disjunção coordenativa (“eu matarey ty |ou| çela”). E, no tocante ao desacordo semântico, em Cambridge, tendo em conta que não se trata sintacticamente da disjunção lida em galego-português, mas de complementos distintos, pode concluir-se que o rei planeia a morte dos dois amantes (“jeo te destruírai et li devant toi”). Enquanto em Huth, a primeira ameaça visa apenas a vida do príncipe (“je te destruírai”), ao contrário do que lemos nos primeiros dois textos comentados e, no final, anuncia o seu plano de os separar pela morte dos dois (“je t’en destruírai et li devant toi”). Consistiria isto num tratamento linguístico-estilístico distinto derivado através da tradição manuscrita do texto, tratamento que pode ser indicio de relação de filiação entre as versões do texto.

Uma situação (c) vem mostrar, do ponto de vista do estudo de tradução, como a atenção do tradutor se centra, preferencialmente, na expressão explícita de determinadas acções. A utilização dos núcleos verbais do segmento “eu ty partyrey dela. ca a matarey ante ty”, como equivalentes a “je t’en destruírai et li devant toi” em Huth, “jeo te destruírai et li devant toi” em Cambridge, mostra a variação lexical da língua receptora pela correspondência entre o francês “destruire” e o português “partir” e, ao mesmo tempo, uma diferença no plano semântico. Ou seja, o texto de chegada indica o plano de o rei separar o príncipe da sua amante pela morte desta, enquanto os testemunhos franceses sugerem, pela conjugação do mesmo verbo em dois (Huth), respectivamente três (Cambridge) contextos seguidos, “destruire”, a morte dos dois amantes causada pelo rei.

Tratar-se-ia, provavelmente, de novo, de uma coerência textual produzida no acto de tradução, porque, afinal, a espada do rei mata efectivamente apenas a “amjga” do príncipe. Mas não deixa de ser relevante o que a história nos revela em relação ao destino dos dois, porque “quando morreron que morreron anbos”<sup>75</sup>, caindo o príncipe em grande desgosto depois de constatar o plano letal do rei em relação à sua amada.

A versão castelhana impede um paralelismo directo dos elementos acima indicados e realizáveis entre a versão galego-portuguesa e as francesas, mas válido é que, no plano do conteúdo, lemos uma história similar, com a constatação da menor acentuação na acção de matar ou “destruir”, um ou outro, da parte do rei, mas da ênfase que se dá aos aspectos ligados à ética da nobreza no domínio do matrimónio:

75 Cf. Lorenzo Gradín, P. & Souto Cabo, J. A. *et alii* (ed. cit. 2001), p. 152/1. 25. Para outros assuntos relacionados com as possíveis fontes literárias dos episódios que os testemunhos peninsulares transmitem, ver Gutiérrez García, Santiago (2015), *op. cit.*, pp. 82-86.

“ca ella no es para ser tu muger, qual tú debes aver, e no ay cosa en el mundo por qué yo quisiese que lo fizieses, ca me seria a mi grand vergüença, e a ti mengua” (iv).

No que respeita à quinta tabela, evidencia-se, em primeiro lugar, em relação ao paralelismo entre a versão galego-portuguesa e as francesas, que, no texto de chegada, se utiliza a expressão mais económica, sem afectar o plano semântico, pelo uso da forma anafórica “isto”, substituindo o grupo nominal “ceste nouviele”. No mesmo racionício da economia textual e da explicitação, chama-se também a atenção para a designação do príncipe pelo nome próprio “Anasten”, enquanto o texto francês utiliza o nome “li chevaliers”. A utilização do nome próprio na referência à personagem pode ser justificada pela cisão que a interpolação da rubrica cria textualmente (v). Se no *Livro de Merlin* se optasse por manter o equivalente directo do francês “li chevaliers”, resultaria, na economia textual, uma lição confusa; mas o nome próprio “Anasten” exprime, de uma forma clara, o sujeito desta oração que, aliás, é antecipado pela rubrica. No caso da anáfora, trata-se, a nosso ver, de uma opção pela brevidade resultante do acto de tradução. No texto receptor, recorre-se à expressão anafórica, a fim de obter uma redacção económica da fonte francesa. Nas traduções, vemos o uso abundante deste tipo de expressão como característica decorrida do acto de tradução.

A versão castelhana, lida nos testemunhos de Sevilha e Burgos, oferece uma tradução livre (v), colocando maior ênfase nos aspectos psicológicos (“Y el hijo fue tan **espantado** [...] por **gran saña** que auia con su padre” de Sevilha; “El fijo fué dello tan **espantado** [...] e por la **gran saña**”<sup>76</sup> que veía en su padre” de Burgos), o que nos faz pensar que, nesta porção de texto, a literalidade da versão castelhana é diminuída face ao testemunho francês Huth, por exemplo, com o qual habitualmente se afina.

Em conclusão, podemos dizer que a versão castelhana impressa privilegia a literariedade em algumas porções de texto, o que se poderá interpretar como marca cultural e ideológica da recepção do texto. Há claramente uma tendência geral, nas traduções, para a contracção da estrutura lexical, a concisão, a ênfase de aspectos distintos. Apesar de o texto de chegada não seguir constantemente o princípio da correspondência formal do texto de partida, observamos que, no fundo, os receptores dos três textos têm acesso a uma narrativa similar, com apenas alguns elementos estilísticos divergentes.

O fenómeno de adaptação pode privilegiar uma organização textual mais coerente face à matéria narrativa da fonte, pondo em relevo os meios gramaticais e estilísticos da língua de destino e/ou pode ajustar-se às condicionantes culturais e ideológicas da época e da tradição de transmissão. A técnica de reformulação por anáfora, bem como a de redução devem evidenciar o carácter económico do texto receptor.

---

76 Sublinhados nossos.

## Referências bibliográficas

### Siglas utilizadas

BC – Biblioteca da Catalunha

BUS – Biblioteca Universitária de Salamanca

BNF – Biblioteca Nacional de França

### Manuscritos

Ms. 2434, Biblioteca da Catalunha.

Ms. 1877, Biblioteca Universitária de Salamanca, ff. 282<sup>v</sup>-296<sup>r</sup>.

### Edições

Bonilla y San Martín, Adolfo (ed.) (1907). *El baladro del Sabio Merlin, primera parte de la Demanda del Sancto Grial, Libros de caballerías. Primera parte: Ciclo artúrico*. Madrid: Nueva Biblioteca de Autores Españoles 6 (Réédition de l'édition de Séville, 1535).

Boron, Robert de (1979). *Merlin. Roman du XIII<sup>ème</sup> siècle*. Ed. de Alexandre Micha. Genève: Librairie Droz.

Lorenzo Gradín, P. & Souto Cabo, J. A. (eds.) (2001). *Livro de Tristan e Livro de Merlin. Estudio, edición, notas e glosario*. Santiago de Compostela: Centro de Ramón Piñero para a Investigacións en Humanidades / Xunta de Galicia.

Miranda, José Carlos *et alii* (eds.) (2016). *Estória do Santo Graal. Livro Português de José de Arimateia*. Porto: Estratégias Criativas.

Paris, Gaston & Ulrich, Jacob (eds.) (1886). *Merlin, roman en prose du XIII<sup>e</sup> siècle publié avec la mise en prose du poème de Robert de Boron d'après le manuscrit appartenant à M. Alfred Huth*. Paris: Librairie de Firmin Didot et C<sup>ie</sup>.

Pietsch, Karl (ed.) (1924-1925). *Spanish Grail Fragments: El Libro de Joseph Abarimathia, la Estoria de Merlin, Lançarote*, 2 voll. Chicago: University Press, The Modern Philology Monographs of the University of Chicago.

Roussineau, Gilles, (ed.) (1996). *La Suite du Roman de Merlin*, 2 voll. Genève: Librairie Droz.

Sommer, Heinrich Oskar (ed.) (1908). *The Vulgate Version of the Arthurian Romances*, vol. II *Lestoire de Merlin*. Washington: The Carnegie Institution of Washington.

## Estudos

- Ailenii, Simona (2019). *A tradução galego-portuguesa do romance arturiano. Os primeiros testemunhos*. Porto: Estratégias Criativas.
- Ailenii, Simona (2017). “Tradução peninsular das estórias do Santo Graal, Merlin e Tristan”. Em Rafaela da Câmara Silva (ed.), *Doiro antr’o Porto e Gaia. Estudos de Literatura Medieval Ibérica*, 135-150. Porto: Estratégias Criativas.
- Ailenii, Simona (2013). “A tradução galego-portuguesa do romance arturiano nos séculos XIII e XIV”. *E-Spania – Revue interdisciplinaire d’études hispaniques médiévales et modernes*, nr. 16 / décembre 2013. Disponível em <http://e-spania.revues.org/22611#entries> (30.I.2019).
- Bishop, Tracy Van (2002). *A Parallel Edition of the Baladro del sabio Merlin: Burgos 1498 and Seville 1535*, 73-983. A dissertation submitted in partial fulfillment of the requirements for the degree of Doctor of Philosophy (Spanish) at the University of Wisconsin-Madison.
- Bogdanow, Fanni (1966). *The Romance of the Grail*. New York: Manchester University Press, Barnes/Noble, INC.
- Bogdanow, Fanni (1962). “The Spanish *Baladro* and the *Conte du Brai*”. *Romania*, 83, 331 (3), 383-399.
- Bogdanow, Fanni (1960). “Essai de classement des manuscrits de la *Suite du Merlin*”. *Romania*, 81, 188-198.
- Bogdanow, Fanni (1979). “The *Suite du Merlin* and the Post-Vulgate Roman du Graal”. Em Roger Sherman Loomis (ed.), *Arthurian Literature in the Middle Ages*. Oxford, Clarendon Press, 325-335.
- Castro, Ivo (1984). *Livro de José de Arimateia: estudo e edição do cod. ANTT 643*. Dissertação de doutoramento. Lisboa: Universidade de Lisboa.
- Dias, Aida Fernanda (2003-2006). “A matéria da Bretanha em Portugal: relevância de um fragmento pergamináceo”. *Revista Portuguesa de Filologia. Miscelânea de estudos in memoriam José G. Herculano de Carvalho*, XXV, I, 145-221.
- García de Lucas, César (1997). *La Materia de Breña del Manuscrito 1877 de la Biblioteca Universitaria de Salamanca*, 2 voll. Dissertação de doutoramento. Alcalá: Universidad de Alcalá.
- Gracia, Paloma (2007). “Los *Merlines* castellanos a la luz de su modelo subyacente: la *Estoria de Merlín* del ms. 1877 de la Biblioteca Universitaria de Salamanca”. Em Juan Manuel Cacho Blecua (coord.), *De la literatura caballeresca al Quijote*, 233-248. Zaragoza: Pressas Universitarias de Zaragoza.
- Gutiérrez García, Santiago (1997). *Merlín e a súa historia*. Vigo: Edicións Xerais.

- Gutiérrez García, Santiago (2015). “Arthurian Literature in Portugal”. Em David Hook (ed.), *The Arthur of the Iberians. The Arthurian Legends in the Spanish and Portuguese Worlds*, 58-117.
- Laranjinha, Ana-Sofia (2012). “A matéria tristaniana do ciclo do Pseudo-Boron, da *Suite du Merlin à Demanda do Santo Graal*”. Em Lênia Márcia Mongelli (org.), *De cavaleiros e cavalarias. Por terras de Europa e Américas*, 101-109.
- Longobardi, Monica (1992). “Nuovi frammenti della Post-Vulgata: la *Suite du Merlin*, la Continuazione della *Suite du Merlin*, la *Queste* e la *Mort Artu* (con l’intrusione del *Guiron*)”. *Studi Mediolatini e Volgari*, XXXVIII, 118-155.
- Longobardi, Monica (1987). “Frammenti di codici in antico francese della Biblioteca Comunale di Imola”. *Cultura Neolatina*, 47, 223-255.
- Micha, Alexandre (1957). “Fragment de la Suite-Huth du *Merlin*”. *Romania*, 78, 37-45.
- Miranda, José Carlos (1998). *A Demanda do Santo Graal e o Ciclo Arturiano da Vulgata*. Porto: Granito.
- Morros, Bienvenido (1988). “Los problemas ecdóticos del *Baladro del sabio Merlin*”. Em Vicente Beltrán (ed.), *Actas del I Congreso de la Asociación Hispánica de Literatura Medieval*, 457-471.
- Pichel, Ricardo & Varela Barreiro, Xavier (2017). “O fragmento galego-português do Livro de *Tristam*. Nova proposta cronolóxica e diatópica”. *Madrygal. Revista de Estudios Gallegos*, 20, 159-214.
- Pickford, Cedric Edward (1960). *L'évolution du roman arthurien en prose vers la fin du Moyen Âge d'après le manuscrit 112 du fond français de la Bibliothèque Nationale*. Paris: A. G. Nizet.
- Soberanas, Amadeu-J. (1979). “La version galaico-portuguaise de la Suite du Merlin”. *Vox Romanica*, 38, 174-193.
- Sommer, Heinrich Oskar (1913). “Die Abenteuer Gawains, Ywains und Le Morholts mit den drei Jungfrauen aus der Trilogie (Demanda) des Pseudo-Robert de Boron die Fortsetzung des Huth-Merlin nach der allein bekannten HS. Nr. 112 der Pariser National Bibliothek Herausgegeben”. *Beihefte zur Zeitschrift für romanische Philologie*, 47, 1-134. Disponível em [http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k24848j/f2.image.r=H+O+Sommer.langPT\(30.I.2019\)](http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k24848j/f2.image.r=H+O+Sommer.langPT(30.I.2019)).
- Trujillo, José Ramón (2014). “Literatura artúrica en la Península Ibérica: Cuestiones traductológicas y lingüísticas”. *eHumanista*, 28, 487-510.
- Vinaver, Eugène (1949). “La genèse de la *Suite du Merlin*”, *Mélanges de Philologie romane et de Littérature médiévale offerts à Ernest Hoepffner*. Paris: Belles Lettres.

## Dicionários e base de dados

Godefroy, Frédéric (1881-1902). *Dictionnaire de l'Ancienne Langue Française et de Tous ses Dialectes du IX<sup>e</sup> au XI<sup>e</sup> Siècle*. Paris, F. Vieweg, Libraire-Éditeur. Disponível em [http://www.lexilogos.com/francais\\_dictionnaire\\_ancien.htm](http://www.lexilogos.com/francais_dictionnaire_ancien.htm) (30.I.2019).

TMILG – Tesouro Medieval Informatizado da Lingua Galega. Disponível em <https://ilg.usc.es/tmilg/> (30.I.2019).

PhiloBiblon, BITAGAP, BETA, Disponível em [http://bancroft.berkeley.edu/philobiblon/searchwork\\_po.html](http://bancroft.berkeley.edu/philobiblon/searchwork_po.html) (30.I.2019).

